

Imboti: uma resignificação do trágico como instrumento de catarse¹

Lilian Farias de O Couto²
Patrícia Sales Tavares

Resumo: *O presente artigo, fruto de um trabalho de conclusão do curso de Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, se propõe a analisar de que forma Adonias Filho consegue resgatar traços da tragicidade, referente ao gênero literário trágico (em Imboti), de modo a resignificá-lo, tornando a sua obra uma ferramenta de catarse no enfoque múltiplo das situações. Para tanto, se faz necessário verificar se a renovada forma da prosa narrativa, com a qual Adonias Filho desenvolve a sua novela, vai suscitar esse resgate lúgubre, facilitando, dessa forma, a (re)construção do herói trágico. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário um mergulho nos pressupostos aristotélicos acerca da catarse, bem como de importantes teóricos como: FAHEL (1974), PARANHOS (1989), OLIVEIRA (2001), RICARDO (1982), MENDE (2010), dentre outros. Em vias de conclusão, pode-se já inferir que tal resignificação se dá à medida que Adonias resgata traços de um antigo gênero literário (trágico) a fim de reconstruí-lo em uma época distante, tendo como cenário mítico e fabuloso as brenhas do cacau. O tom peculiarmente catártico desta obra adoniana resulta no fato de o leitor experimentar, através da vingança de Francisco, uma espécie de purificação e expurgação de suas emoções, confirmando assim que a tragédia resulta numa catarse do público. Esta pesquisa contou com a orientação do Professor Doutor Cristiano Augusto da Silva Jutgla.*

Palavras-chave: *tragicidade; herói; região cacaueira; catarse, resignificação.*

1. Introdução

Adonias Filho, literário baiano, nasceu em Itajuípe em 27 de novembro de 1915. Sendo filho de fazendeiros, teve esmerada educação, diferente da maioria de seus irmãos da região cacaueira, pessoas tão retratadas em sua obra. Estudou em Salvador e em 1936 transferiu-se para o Rio de Janeiro, na qual foi colaborador de vários jornais, tornando-se também crítico literário. Em 14 de janeiro de 1965 passa a ocupar a cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras. Morre em sua terra natal, Itajuípe em 1990.

Foi premiado ainda vivo por diversas obras literárias, dentre as quais estão: Prêmio Paula Brito de crítica literária (1968). Com o livro Léguas da Promissão, conquistou o Golfinho de Ouro de Literatura (1968), o Prêmio PEN Clube do Brasil, Prêmio da Fundação Educacional do Paraná (FUNDEPAR) e o Prêmio do Instituto

¹ Artigo de conclusão de curso apresentado à disciplina Prática de Pesquisa em Língua Portuguesa e Literatura para obtenção de crédito.

² Graduandas do 9º semestre do curso de Letras da UESC. E-mails: lilianfocs@hotmail.com; patriciatavares7@gmail.com

Nacional do Livro (1968-1969). Obteve o prêmio Brasília de Literatura (1973), conferido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, dentre outras premiações.

Do livro *Léguas da Promissão: novelas*, publicado pela primeira vez em 1968, elegemos uma novela intitulada *Imboti*, que será objeto de nossa pesquisa. Desse modo, este artigo se propõe a analisar de que forma Adonias Filho consegue resgatar traços da tragicidade, referente ao gênero literário trágico (em *Imboti*), de modo a resignificá-la, tornando a sua obra uma ferramenta de catarse no enfoque múltiplo das situações. Para tanto, se faz necessário verificar se a renovada forma da prosa narrativa, com a qual Adonias Filho desenvolve a sua novela, vai suscitar esse resgate lúgubre, facilitando, dessa forma, a (re)construção do herói trágico.

2. Re(Construção) e Ressignificação do gênero trágico

Dias Gomes, em seu discurso de posse publicado no site da Academia Brasileira de Letras³, diz sobre a obra de Adonias Filho:

Adonias Filho é o criador de um mundo trágico e bárbaro, de mistério, de violência, varrido por um sopro de poesia. (...) Seu ágil pincel, ora na zona cacauzeira, ora em Salvador, está sempre em busca do mundo íntimo da gente na maioria rude que povoa a terra. E a terra é, para ele, o personagem movido sempre por um sentimento trágico. A tragicidade é o eixo de sua visão do mundo, um mundo de solidão e destino fatal, que ele descreve com uma linguagem típica e bem pessoal, além de muito entrosada com a técnica e a estrutura sobremodo modernas.

Fica evidente que a construção da obra de Adonias Filho, como um todo, é sempre marcada pelo destino trágico e irrecorrível de seus personagens, que segundo Cassiano Ricardo⁴: “esses personagens são trazidos em carne viva à nossa presença e quase nos agriem. Adonias consegue elevar o “real natural” ao plano do “real absoluto”, mais contundente que a realidade mesma”.

Adonias não só reinventou a prosa novelística brasileira, como também criou um estilo próprio, que não se bifurcou ao longo do tempo e dos modismos que acabaram surgindo, o que o fez ser integrado ao grupo de grandes nomes da Literatura Brasileira, como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. Tal comparação se dá pelo fato de esse autor integrar a prosa de intenção social, descrição não-linear e uma análise extremamente psicológica na construção de suas histórias, que mesclam tragicidade e ao

³ Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=454&sid=23>. Acesso em: abril de 2010.

⁴ Orelha de *Léguas da Promissão: novelas*.

mesmo tempo lirismo.

Maria da Conceição Paranhos sugere reflexões cruciais para o entendimento da narrativa adoniana, bem como analisa o seu caráter regionalista, através de estudos a respeito de suas obras ficcionais.

Na obra de Adonias Filho, a trama é subjugada pelo gigantismo da natureza e dos dramas das personagens, responsáveis por toda a urdidura ficcional na sua aventura por um tempo submisso à perícia desse escritor que, como poucos, doma-o através da mudança do foco e das vozes narrativas. (PARANHOS, 1990, p.15)

Em *Léguas da Promissão* o espaço ganha amplitude e transcende a condição dos personagens. O autor ao descrevê-lo e demarcá-lo, prepara-o para acolher acontecimentos que ultrapassam os seus limites regionais, mergulhando na intensidade de vidas que sangram e se consomem ali encerradas, como evidenciou Maria da Conceição Paranhos:

Aqui, como sempre, o espaço é criatura monstruosa, que em suas dantescas proporções agarra os seres humanos e soterra-os ou enterra-os, um território no território, como o Catongo de *Léguas da Promissão*. Esses lugares infernais de queda e purgação encerram seres que também excedem sua circunscrição regional e ingressam nos excessos da natureza desmesurada, onde os princípios de vida e morte atitam-se para neutralizar-se. (PARANHOS, 1989, p.17)

Adonias Filho resgata, na modernidade, características do gênero dramático (antiga tragédia grega). A respeito disso, Margarida Fahel (1974) diz em seu ensaio que em Adonias “a tragédia antiga se vivifica em um mundo novo”, ou seja, em outros moldes, com características peculiares que mesmo assim nos remontam às características desse antigo gênero literário.

Margarida Cordeiro Fahel, também, traça um panorama entre a obra de Adonias e as tragédias gregas mais conhecidas, a fim de encontrar traços semelhantes entre elas. Em sua obra ela afirma:

Num mundo novo, sem deuses pagãos, sem oráculos ou festas dionisíacas, nasce uma obra trágica, repassada de pensamentos tão antigos e eternos, quanto aqueles do mundo de Ésquilo e Sófocles. Substituindo aqueles deuses por nossos elementos tão tropicais, selva, serra, vale, mar, vento, está imutável, todavia o homem. Substituindo a nobre casta dos personagens gregos pelos bandidos das brenhas do Camacã ou das terras do Cacau, perdura, entretanto, irreversível, a mesma certeza: de que só o sofrimento redime e purifica o homem. (FAHEL, 1974, p.47)

Mediante isso, busca-se verificar se Francisco, personagem da novela *Imboti*, pode se configurar um herói trágico da modernidade, posto que nesta obra sua história é marcada por um amor interpelado por uma brutal tragédia, o que o leva a uma sede de vingança, vingança essa que de fato se consolida. O filósofo Aristóteles teorizou que a tragédia resulta numa catarse do público. Para ele, é preciso que o herói trágico passe da "felicidade" para a "infelicidade" por alguma desmedida sua para atingir a *catarse*.

Adonias Filho, em sua novela *Imboti*, consegue resgatar o trágico, justamente, por nela estar presente a característica da personagem envolvida com algum poder de instância maior, seja a lei, a sociedade, os deuses ou o destino. Através do seu personagem principal, Francisco, que protagoniza uma história drasticamente marcada pelo destino, a nefasta morte de Imboti, Adonias, de forma intensa e objetiva, provoca no leitor um sentimento de terror e piedade, ao compartilhar do processo de ventura para a desventura do personagem Francisco.

A forma poética como Adonias envolve o leitor no imaginário, através de um inventário de palavras, exaltando a personagem que não morre, mesmo depois da sua morte “- Ela vive, Eduardo. Você entende? Ela viverá enquanto eu viver” (FILHO, 1978, p.9), e a forma que descreve um cenário mítico e ambivalente, torna a sua obra peculiarmente catártica, onde o leitor pode experimentar uma espécie de “purificação”, expurgação e desabafo de suas emoções.

Adonias Filho, preocupado em fixar o drama existencial de seu personagem, suscita no leitor essa espécie de identificação (catarse), contrapondo, através de caminhos psíquicos e filosóficos, a problemática individual com a violência social, tornando a existência, quase que cósmica, onde seus personagens parecem estar mergulhados em um pesadelo, com suas almas primitivas, que muitas vezes se confundem com os movimentos da terra, dentro de uma atmosfera mítica.

Em busca do mundo íntimo de cada leitor, Adonias Filho arrima-se no trágico e o faz eixo da sua visão de mundo, um mundo marcado pela fatalidade de seus personagens, e pelo misticismo que estes perpassam pelo inusitado e tão familiar comportamento humano.

Maria Efigênia ratifica este pensamento quando diz que a tragédia é um traço muito marcante na obra do autor “não apenas por ser a expressão das adversidades, da violência do homem ignorante, mas a marca da arte, o ingrediente principal em torno do qual os personagens cumprem sua sina sob os poderes do destino implacável.”

(OLIVEIRA, 2001, p.06). Partindo deste ponto de vista, faz-se uma reflexão do que Aristóteles diz na *Poética*, ao definir a tragédia:

A tragédia é, pois, imitação de uma ação que é séria, completa, e de uma certa magnitude, em linguagem embelezada com toda espécie de ornamento artístico, sendo as diversas espécies encontradas em partes separadas da peça, em forma de ação e não de narrativa, efetuando, através do terror e da piedade a adequada purgação dessas emoções. (CARVALHO appud BUTCHER, 1998, p.166)

Aristóteles toca, nesse fragmento, em um ponto de vital importância para a consideração dos efeitos produzidos nas pessoas pelas obras artísticas em geral. Ele fala que através do terror e da piedade realiza-se a adequada purgação de emoções, emoções estas que, segundo Carvalho, pode ser simpatia e repugnância, entusiasmo, prazer e indignação, admiração e desprezo ou todo um grupo de emoções perturbadoras.

Mas afinal, o que é a catarse senão a purgação, ou seja, a purificação através das emoções? Adonias nos leva a um mundo de violência sangrenta, onde a vingança, que o personagem Francisco jurou fazer, passou a ser um desabafo do leitor, uma atitude, talvez, não própria de quem lê, mas, naquele momento, parece ser a atitude mais apropriada, por isso, causa uma “adequada purgação dessas emoções”.

Contudo, isso se dá, apenas, por Adonias Filho ter a propriedade de levar o leitor para dentro da sua história. E para isso, ele utiliza-se de uma narrativa profundamente detalhada, da caracterização de seus personagens inseridos em um cenário mítico e fabuloso. Isto conduz o leitor a vivenciar as situações descritas na obra e a se familiarizar com os personagens e o local onde a trama acontece.

Após tornar íntimo o leitor com o local – “Terra de muito espanto o Itajuípe, é preciso avisar.” (FILHO, 1978, p.5) – Adonias prepara o terreno para o início de uma história de amor atraente, controversa, recíproca, frutífera e completa. Francisco desejava Imboti, e a índia também não sentia diferente. Ambos se atraíram e planejaram construir uma história de amor intensa e duradoura e, apesar dos avisos – Imboti é a rosa: “Muito linda, tem cheiro e côr, morre logo” (Ibidem, p.15) – indicadores do perfil Adoniano, a sina desse romance já estava traçada.

Além disso, Adonias, sabiamente captura o leitor quando, ao contar a história em *flash back*, desperta a curiosidade de entender a história daquele homem/personagem diferente e sofredor, em conformidade a isso, Fahel (1974) aborda que: “Suas obras perdem a linearidade, com um tempo quase sempre subjetivo. Não são divididas em capítulos, mas em partes que introduzem partes importantes na narrativa”.

Envolvido, o leitor vivencia a trágica morte de Imboti, fatalidade com traços de injustiça, já que a índia não tinha nenhuma chance contra três homens, e ojeriza, pois a violência sexual é ultrajante por descartar o respeito à vontade íntima do ser humano, como evidencia o fragmento da obra;

Rasgam seu vestido, os homens cercado, nua entre as feras. Sente as mãos pesadas, as bocas em seu corpo, o avô estirado. Puxam-lhe os cabelos, está enlouquecendo, vai e volta entre as mãos, o corpo doendo e sangrando. O branco que parece um albino a prende como a uma novilha, apertando os seios, então ela grita nas últimas fôrças. É preciso sair, alguém poderá ouvir os gritos, a faca na mão do homem dos olhos amarelados. Deitada está, de bruços, respirando a poeira. A mão manobra a faca, há raiva no braço, ela estremece e o sangue escorre no corpo. (FILHO, 1978, p. 21)

Carvalho, citando House, diz que a “piedade baseia-se em um medo que, não sendo para nós, existe como se fosse para nós. Isto se dá, sem dúvida, podemos acrescentar, porque nos sentimos humanos como o herói” (CARVALHO appud HOUSE, 1998, p.175). Sendo assim, o sentimento de vingança que Francisco compartilha com o leitor é inevitável. Após experimentar o terror, experimenta-se a piedade, a compaixão, sentimento que, admitirmos ser:

uma espécie de pena causada por uma mal aparentemente capaz de nos aniquilar ou afligir, que fere o homem que não mereceu ser ferido, quando presumimos que também nós podemos sofrer, ou algum dos nossos, e principalmente quando nos ameaça de parte. (CARVALHO appud P. de CARVALHO, 1998, p.172)

Isso nos leva a dividir com o personagem o mesmo pavor pelo qual ele passou e sentir, conseqüentemente também clemência, pelos fatos sucedidos. A esse respeito, Carvalho diz que:

enquanto a piedade do expectador se volta para o herói, o medo existe em relação a ele mesmo – medo de que o atinja um destino semelhante (...) De fato para que possamos senti-lo, o herói deve ser semelhante a nós, mas isto é porque sem algum grau de semelhança nos seria impossível sentir nele um medo participante. (CARVALHO appud ROSS, 1998, p.174)

De fato, Francisco desvela em nós um desespero participante, pois, por mais que um indivíduo nunca tenha vivido uma experiência amorosa, ou mesmo não tenha interesse em vivê-la, o desgosto de experimentar os seus planos violentamente desfeitos meche com o íntimo do ser humano, ainda mais quando o infortúnio poderia ter sido evitado, não fosse a perversidade, também característica do indivíduo.

É importante ressaltar também o estranho comportamento dos personagens

adonianos frente aos infortúnios da vida. O lamento é quase inexistente, não fosse implícito no decorrer da história, o combustível da vingança nas obras adoniana:

o labirinto onde apenas o sangue lava o sangue, é inquirida a essência mesma da alma humana, como em outras matas, selvas e vales do sul da Bahia que Adonias mitifica e desmitifica sucessivamente, indicando sua intenção mais permanente: a de lidar com o drama da existência humana, num espaço em que, como em Guimarães Rosa, é uma metonímia para o próprio mundo, e onde as duas grandes potências, a divina e a demoníaca, exigem uma força de decisão por parte das personagens. (PARANHOS, 1989, p.18)

Podemos perceber isso no fragmento da obra:

- Tome, mãe, e embrulhe Imboti. A coisa querida, sua pequena índia, viveria enquanto êle vivesse. Prometera uma casa e uma roça de milho. Nos braços, como se estivesse dormindo aquecida na manta, êle a levaria para o seu pedaço de terra. Ficaria na terra, muito perto, protegendo o milho. Antes que a levantasse, porém, vê que Maria da Senhora lhe aperta o braço e diz: - É sua mulher, filho – a voz alta e lenta. – Que viva para matar os miseráveis! (FILHO, 1978, p. 23)

Perseguido pela fatalidade de sua condição, Francisco vingava a sua rosa Imboti, e Adonias nos conduz ao “grau mais acabado de libertação promovida pela criação artística –, onde a mimesis instaura o valor, que constitui um apelo de todos os homens, – Aristóteles chama de catársis.” (CASTRO apud PORTELLA, 1973, p.34).

No que tange ao processo de confronto entre Francisco e o herói trágico, tendo em vista que este se dá em outros moldes, parte-se da idéia de que geralmente um herói trágico comete um erro em suas ações, o que o leva à sua queda, sendo este um equilíbrio entre crime e castigo. Adonias Filho ressignifica o sentido do herói trágico em sua novela *Imboti*, partindo do pressuposto Aristoteliano de que o herói trágico é nobre.

Ainda sob o viés da teoria Aristotélica, observa-se o processo de ventura para a desventura do personagem Francisco que, em um primeiro momento sonhava em construir uma história de amor ao lado de Imboti e, em seguida, se vê acometido do infortúnio de uma selvageria. Seguindo essa linha, e reflexionando no impulso de um ato de vingança, percebe-se que era um desejo de todos aqueles que o cercavam, fruto de uma coletividade. Assim, Francisco é lembrado pela nobreza do seu ato e por representar o caráter digno de seu povo, o povo do Catongo, como pode-se perceber no fragmento: “Levantaram-se para nos receber, a mim e ao tio, aquele índio Francisco de quem se conta a aventura – eram três balas de rifle e um cordão de aço – como o feito de uma tribo. Há respeito em todos os olhares” (FILHO, 1978, p.31).

Verifica-se outros traços de conformidade com o herói trágico, à medida que

este apresenta-se como um homem melhor do que as pessoas comuns. Ora, o fato de Francisco realmente corresponder às expectativas dos habitantes do Catongo, que esperavam a vingança da morte de Imboti, o torna diferenciado em sua saga, porém não o distancia do leitor que, compadecido com a sua desgraça, se identifica com aquele herói desafortunado. Além disso, “reafirma o *status quo*, e mantém uma relação de respeito, para que o homem comum busque aquele modelo de comportamento” (MENDES, 2002).

Outro ponto de relevância é a presença do absurdo na nefasta morte de Imboti. Marise Pimentel Mendes (2002) comenta que “alguns críticos apontam o teatro de absurdo como um possível descentramento, não da tragédia, mas como revelação de um novo centro, o da tragicidade. O teor trágico deste teatro expõe o homem envolto em um período marcado por tantas atrocidades, desvelando o absurdo da condição humana”. Deste modo, entende-se que o absurdo é uma condição do trágico.

Reflexionando a cerca da teoria de que “toda a catástrofe que envolve o herói só tem sentido porque restabelece a ordem rompida” (MENDES, 2002), percebe-se outro ponto de convergência entre o herói trágico e Francisco, que ao vingar a morte da sua amada, consegue enxergar no seu sobrinho, Eduardo, a continuação da história, ou melhor dizendo, a continuação do ciclo, característica das obras adonianas. Dessa forma, seus personagens “ultrapassam seu papel individual, enquanto partem de um mito vivo que se perpetua através delas e de seus descendentes”. (PARANHOS, 1989, p.20). Tal proposição pode ser sentida no fragmento abaixo:

Tenho a môça nos braços, todos cantam, desvio o olhar. E observo Francisco, espécie de desconhecida alegria no semblante, febre em seus olhos de velho. Parece querer levantar-se, não escuta a canção índia dentro dos violões, apenas eu e a môça. Tudo recomeça, é possível que pense, eu sendo êle e ela sendo Imboti. Assim pode vencer o mundo porque vê – e apenas ele vê -, no pulso de Maria, as três balas de rifle no cordão de aço. (FILHO, 1978, p. 31)

“Fechando o ciclo heróico ocorre a *catástrofe*, podendo culminar com a morte do herói e/ou dos que o cercam. (MENDES, 2002)” É o que se observa na trajetória de Francisco, que após a morte e vingança efetuada, permaneceu vivendo isolado e em memória de Imboti. Com base nisto e em toda a análise feita, constatou-se verdadeiramente um processo de resignificação do trágico, bem como um resgate também do herói trágico, aqui confrontado com o personagem Francisco. Do mesmo modo, vislumbra-se que *Imboti* é uma obra provocadora do fenômeno catártico. Assim,

em linhas finais, Fahel (1974) parece ter chegado às vias de conclusão acerca da confluência entre as obras de Adonias Filho e o gênero trágico, deixando claro de que modo se configura tal processo:

Podemos já, pois, em termos de conclusão, afirmar: num mundo novo sem deuses pagãos, sem oráculos ou festas dionisíacas, nasce uma obra trágica, repassada de pensamentos tão antigos e eternos, quanto aqueles do mundo de Ésquilo e Sófocles. Substituindo aqueles deuses por nossos elementos tão tropicais, selva, serra, mar, vento, está imutável, todavia, o homem. Substituindo a nobre casta dos personagens gregos pelos bandidos das brenhas do Camacã ou das terras do cacau, perdura, entretanto, irreversível, a mesma certeza: de que só o sentimento redime e purifica o homem. (FAHEL, 1974, p.47)

3. Considerações finais

Para Aristóteles, a tragédia deve conter personagens de elevada condição, ser contada em linguagem elevada e ainda ter um final triste. Em *Imboti*, percebe-se que Adonias não foge dos preceitos de Aristóteles, já que seus personagens são nobres por seus atos que os dignificam, vê-se também, na tessitura do texto, uma linguagem altamente original e requintada, cheia de lirismo, e por último, um ato trágico que nos fere, do qual só nos reerguemos após a vingança de Francisco, porém, esta não torna a narrativa menos trágica. Com base nisto, torna-se claro que o processo de resignificação do trágico de fato ocorreu na novela *Imboti*, e que Francisco pode ser considerado um herói trágico.

Em vias de conclusão, pode-se já inferir que tal resignificação se dá à medida que Adonias resgata traços de um antigo gênero literário (trágico) a fim de reconstruí-lo em uma época distante, tendo como cenário não mais os teatros, mas as brenhas do cacau, elegendo por seus personagens um povo simples e semelhante em honra.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Interpretação da Poética de Aristóteles**. São José do Rio Preto: Rio-Pretense, 1998. 270 p.

FAHEL, Margarida Cordeiro. **Adonias Filho: uma mundificação do trágico**. Itabuna, [BA]: FESPI, 1974. 51p

FILHO, Adonias. *Léguas da Promissão: novelas*. In: **Imboti**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1978. 6 ed. 147p.

OLIVEIRA, Maria Efigênia Ferreira da Silva. **O traço trágico na obra de Adonias Filho**. Ilhéus, Ba, 2001. 51f Monografia (Especialização) - Universidade Estadual de Santa Cruz.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho: representação épica da forma dramática**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado: 1989.

REGEL, Samuel (Org). Manual de Teoria Literária. In: CASTRO, Manuel Antônio de. **Natureza do Fenômeno Literário**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 189p

RICARDO, Cassiano. **Orelha de Léguas da Promissão**. São Paulo, DIFEL. 1982.

MENDES. Marisa P. **Os Tons do Trágico**. Disponível em: <http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera02/perfil/mat3/txtmat3.htm>. Acesso em: junho de 2010.